



## Vôos

*Natércia Campos*

*Chegamos aqui no Não me Deixes: só tinha mato. Papai falou: “– Vou levá-la a um lugar onde você vai situar a sua fazenda”.*

*A lagoa do Seixo estava linda e, pelo cheiro, que me lembro, do aguapé, devia ser mês de maio ou junho. Tudo ainda florido.*

*Rachel de Queiroz*

Chove neste sábado de maio de Solene Vigília de Pentecostes. Amanhã o mundo cristão celebra o mistério da vinda do Espírito Santo. Longo é o vôo e a virtude desta sombra de asas.

Chego ao sertão do Quixadá, terra de fragas imensas, antiqüíssimas, e, nas pedras graníticas, avisto uma colossal concha marinha a dar testemunho que o mar, um dia, banhou este sertão. Ficaram, neste vasto reino, monólitos incrustados e esculpados, assim a natureza instiga nos homens a Grande Memória. Vontade de orar ao sentir estes ventos eternos a desinquietar o silêncio desta cordilheira de pedras que atravessa o tempo. Veio-me a grandeza dos versos de Fernando Pessoa: “Às vezes ouço passar o vento e só de ouvir o vento passar vale a pena ter nascido.”

No caminho, as juremas de flores róseas e brancas, dispostas em pequenas espigas, pareciam estrelas pousadas na caatinga verde. A lenha da jurema é a preferida dos ferreiros... talvez as chamas das forjas de Hefestos sejam por elas alimentadas.

Voam carcarás. Um resolveu pegar o roedor no seu bico cor de laranja e alçar vôo de penas brancas e pretas. Voou alheio à invasão da estrada, dos carros e dos homens, nele só a imperar a lei maior da sobrevivência.

Havia anuns, borboletas claras e pássaros na manhã nublada. Trabalhadores tiravam o mato dos lados do caminho, para evitar que algum animal pulasse da mata para a pista, e o maravi-

lhoso cheiro de mato cortado e úmido perfumou o mundo. As lagoas, verdes de folhagens e coloridas pelas flores do aguapé e umari bravo, escondiam seus espelhos d'água e nelas vi jaçanãs, socós e brancas garças. Pousada na estrada, parecendo esperar carona, estava uma pequenina nambu com seu pescoço fino e al-tivo. Sua elegância evocava miniaturas de porcelanas de Sèvres.

Próximo à fazenda, destacava-se a beleza de uma mata só de pau-branco com suas flores pequenas, claras e perfumadas! Esta árvore me faz lembrar as gravuras dos livros de Grimm por sua casca cor de prata-acinzentada. É mata clara encimada por verdes. Árvore cearense, usada nos moirões dos currais, nos tabuados das camarinhas, nos vigamentos. Suas ramas servem de forragem para o gado. Avistei a casa caiada de branco, de portas e janelas azuis. Havia chegado à fazenda **Não me Deixes**, reduto da Velha Senhora. Foi abraço longo, demorado o meu com a sertaneja e dona daquelas terras.

A casa é simples, rústica como são as casas do nosso sertão. Piso de mosaico e o copiar de pequenas lajotas de barro. Para mim, a certeza plena que ali é o habitat da nossa Rachel de Queiroz. A vi em outras molduras, paisagens, lugares, mas é naquela terra que a encontro sem armas, sem precisar ter "corpo fechado" para as tocaias, sem ares da Moura, sem comendas e políticas, sem as cem medalhas e prêmios. Ali, só a sertaneja a gostar dos seus cantos, da sua rede, do seu gado, suas árvores, seu açude, a lidar com seus agregados, com o mesmo amor que dispensa à gente querida do seu sangue.

Nesta terra de matas, carrascal e bichos, ela alimenta o seu "mundo de reminiscências que vive em nós, obscuro e palpitante", assim revela o mestre Câmara Cascudo.

Rachel recebeu estas terras de seu pai, Daniel Queiroz, que a orientou: "Construa a frente da casa para o lado do nascente, faça o curral longe das águas do açude e levante neste mais uns quinze metros de parede." Boa filha, obediente, cumpriu.

Levou-me Rachel para uma casa pequena, próxima à "casa grande". Possui esta um só quarto e banheiro, uma porta de duas folhas, prática e bem nordestina. As janelas são duas para melhor arejar esta casa nos moldes das do reino de Lilliput, de Gulliver.

Foi Oyama, o marido de Rachel, que a mandou construir para ela escrever em paz, sem as visitas dos caseiros, comadres e afilhados. Lá foi escrito quase todo o seu *Dora, Doralina*. Oyama foi também quem plantou a mata de pau-branco e o pé de jucá em frente ao alpendre. Eram três mudas de jucá, mas só uma teria espaço para ali ser plantada. Ele pediu para que ela escolhesse qual dos três... Rachel entrançou os caules verdinhos e foram assim plantados. Hoje os "três irmãos" são um só velho jucá de tronco torcido feito uma grossa trança.

À noite, no sertão do Quixadá, as pedras se abrandam pelo vento frio que as envolve e chegam ao alpendre os sapos-cururus. Conteí uns seis, certa noite, mas Rachel me disse que já contou o dobro. A conversa se fez tocada pelo sopro do vento, que não era o Araka'ti, pois nessa época de chuva ele não faz suas visitas, se abriga. Dormi feito uma pedra em uma cama de dossel e cortinado. Acordei cedo, ainda escuro. Olhei para as telhas-vãs e regressei no tempo à casa de "Dona Chana", em Maranguape, onde, menina com meus pais e irmãos passávamos as férias. "As recordações não povoam nossa solidão, como se diz; ao contrário, fazem-na mais profunda", já dessa certeza nos revelava Gustave Flaubert. Lembrei-me quando aos 14 anos participei do Grêmio Literário do meu ginásio e por sugestão de meu pai não recitei os poemas longos e antigos que na época se dizia. Foi escolha dele "Telha de Vidro" de Rachel de Queiroz. Boa filha, obedeci, fui a vencedora.

Os morcegos, naquele início de manhã, já se recolhiam aos caibros. O relógio de mais de 150 anos bate de meia em meia hora, igual ao da casa dos meus pais, e quando soaram as cinco badaladas levantei-me. Todos dormiam. Abri a porta da "rua" para ver o lá fora. Escutei os chocalhos do gado, o cachorro se achegou e vi o céu limpo de nuvens. Fui para a cozinha e sentada em um tamborete presenciei a Maria despertar o fogão a lenha. Havia, em um dos cantos, uma parede de um metro de altura, onde estavam empilhadas as achas de madeira da aroeira. Ela de lá trouxe uns gravetos para "enchamejar", molhando-os de leve com querosene e na outra "boca" da frente do fogão colocou a lenha maior. Quando Maria abriu a gaveta das cinzas e começou a tirar o borralho,

vi-me na cozinha da Bá da casa da minha avó. "As saudades chegaram todas, não faltou nenhuma", anunciava Jáder de Carvalho. Tomei uma xícara de café torrado e moído na fazenda. Assisti a Terezinha "– Minha mãe foi ama de leite da Maria Rachel" – tirar as palhas de milho, debulhar com auxílio de uma quicé, passar no moinho atarrachado em um cavalete de madeira (à noite, ela soca um pano dentro dele para evitar que algum bicho se entoque). Peneirou e depois ralou os cocos e assim, bem sertanejo, fincado nas raízes árabes, é feito o cuscuz. Na cozinha, há seis potes imensos em cima da cantaria portuguesa de madeira, cheios de água de chuva. O vaqueiro chegou com o leite mungido ainda quente e espumoso. Maria tirou um queijo de coalho da prateleira suspensa nos caibros por fios e nestes há arandelas de flandre, para que os ratos não cheguem e se refestelem.

Estamos em plena época das atas, deliciosas e reimosas. No almoço, cometemos o pecado da gula com o carneiro guisado, jerimum, pernil assado, sarapatel, feijão verde, maxixe com leite, macarrão, arroz, farinha e pimenta malagueta!

Delícia foi o banho de cuia, à tardinha, naquele banheiro onde se vê, entre a parede e as telhas, o pôr-do-sol, o mato.

Tiraram fotos nossas levando de Rachel e de mim um pouco do nosso espírito como achavam os índios. No abraço, ela me disse ao ouvido: "Venha com mais vagar para escrever, na casinha de Dora Doralina, suas histórias."

Lembrei-me do que Rachel afirmara sobre **Não me Deixes**: "Lá, realmente, é o meu lugar. Cada volta minha é um regresso. E sinto que lá é o meu permanente. O Rio é o provisório."

Nuvens pesadas davam sombra à fazenda, quando a abracei no alpendre. O cheiro da chuva envolveu aquele mundo. Abençoado mês de maio e esta Velha Senhora a legar os vãos do seu imaginário por este sertão e outras "terras e greis".